

BRASÍLIA, DF, 28 DE ABRIL DE 1995

*Senhoras e Senhores; Caros Formandos;*

É com emoção que volto a participar, agora como Presidente, da cerimônia de formatura dos alunos do Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, do Instituto Rio Branco. Sou o primeiro Presidente brasileiro que teve a satisfação de ter antes exercido o cargo de Chanceler. Aprendi a respeitar o trabalho do Itamaraty e as tradições nascidas com Rio Branco, cujo sesquicentenário de nascimento se celebra neste ano.

Acolhemos, hoje, jovens que escolheram dedicar-se aos interesses maiores do País.

Como servidores públicos que, a partir de agora, têm o privilégio de integrar, pelo saber e pelas responsabilidades, uma verdadeira elite, devem ter presente que muito será exigido de cada um de vocês, na defesa das aspirações nacionais e dos valores do povo brasileiro.

Não é por acaso que os diplomatas têm sido chamados a ocupar postos da mais alta expressão em várias áreas da Administração Pública. A solidez e a diversidade de formação, o espírito de disciplina e respeito à hierarquia, aliados à permanente disposição para negociar e

aprimorar conhecimentos fizeram dos diplomatas funcionários que todos querem ter em suas equipes. Encarnam, afinal, o melhor sentido de serviço público, como pude comprovar no tempo em que estive à frente do Itamaraty.

Meus caros formandos, a opção pela Diplomacia representa aceitar um caminho profissional que não será fácil. Serão anos de trabalho árduo, nem sempre em cenários aprazíveis. Serão longas horas de sacrifício e dedicação permanente à tarefa de auto-aperfeiçoamento – sacrifício que muitas vezes se estenderá às suas próprias famílias.

Mas lembrem-se sempre de que, ao escolher a carreira de diplomata, vocês estão respondendo a uma convocação de todo o povo brasileiro, que procura no Estado um instrumento do seu bem-estar, de sua segurança, da defesa da cidadania. Vocês aceitaram um mandato que traduz as esperanças de 160 milhões de brasileiros, que esperam dos diplomatas trabalho nada menos que exemplar na defesa da voz da Nação em todo o mundo.

“De trabalho faleceu o Barão”, diz parte da frase inscrita em seu derradeiro Gabinete no Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro. Quando revejo as fotos magistras desse Gabinete, no princípio do século, em que uma cortina precária separa seu leito das já folclóricas escrivanihas atulhadas com pilhas de papel, tenho, invariavelmente, uma forte sensação. A mesma sensação que me ocorre quando visito, sempre que posso, a Catedral de Chartres, na França: a admiração diante do grande monumento, diante da própria história.

Daquela última sala de trabalho do Barão ressoam os ecos das ações diplomáticas que deram ao Brasil, pela força pacificadora da razão e do argumento minuciosamente construído, a forma final de seu território continental.

É grande o desafio de ingressar numa carreira que tem tradições tão sólidas a preservar e brasileiros tão nobres a servir de exemplo, como o Barão do Rio Branco.

É dele o triunfo de ter conduzido a política externa brasileira em um de seus momentos de maior intensidade criativa, quando se exigia uma combinação cuidadosa de sensibilidade política e sentido de futuro.

É dele a obra perene de ter legado ao Brasil o patrimônio de uma tripla conquista:

- a supremacia do realismo, do espírito negociador e conciliador sobre veleidades de poder ou de aventureirismo inconseqüente;
- a percepção de que, embora mais fraco na comparação com grandes potências mundiais, o Brasil dispunha de espaço onde exercer a defesa de seus interesses legítimos, explorando as alterações da própria estrutura mundial do poder e utilizando os instrumentos mais adequados que o sistema internacional oferecia para encaminhar os sempre delicados problemas das fronteiras;
- o cultivo cuidadoso e sensível das relações com nossos vizinhos do Prata, virando definitivamente a página de confrontos que marcaram parte de nossa história do século XIX.

É natural, assim, que a diplomacia brasileira encontre no Barão do Rio Branco a figura de seu patrono, seu guia maior e fonte de permanente sabedoria.

Ao juntar-me às homenagens que os brasileiros fazem ao Barão, na passagem dos 150 anos de seu nascimento, quero prestar a essa figura maior de nossa história o meu tributo de cidadão e de Presidente da República, com o pensamento voltado para a grandeza de seu legado.

Se hoje o povo brasileiro pode viver em paz com seus dez vizinhos na América do Sul, se nossas fronteiras são, no presente, motivo de aproximação e não de repulsa dos países contíguos, isso se deve, em maior parte, à obra de Rio Branco.

Nós, cientistas sociais, acostumados a questões nas quais se supõe refletir sobre o Brasil já territorialmente formado, talvez não compreendamos imediatamente a importância e as implicações do trabalho de Rio Branco. Foi aqui, no Itamaraty, lidando com tranqüilidade com nossos vizinhos e entendendo as dificuldades que ainda suscitam, em outros lugares, as questões fronteiriças, que pude avaliar em toda a sua extensão o alcance da herança que nos deixou José Maria da Silva Paranhos.

Senhoras e Senhores, não terá sido por acaso que os alunos que se formam no ano do sesquicentenário do Barão do Rio Branco tenham escolhido Antônio Carlos Brasileiro Jobim como seu patrono.

Tom Jobim revela, com seu talento, a vivência das cores e dos sons de sua pátria, elevando o Brasil, através de sua arte, às mais altas expressões da sensibilidade humana.

Conheci Tom pessoalmente. Apreendi muito com a desconcertante simplicidade de sua inteligência, com seu caráter e inteligência. Não só na música, mas também na arte de viver, Tom era um mestre.

Na semana passada, em Nova York, num belo concerto em sua homenagem na sala lotada do Avery Fisher Hall, só confirmei que Tom foi – e sempre será – um Embaixador universal do Brasil.

Os novos diplomatas ingressam na carreira num momento de mudanças profundas da vida nacional e do mundo.

Vão colocar seu entusiasmo e a força de sua criatividade a serviço de uma diplomacia que deve estar profundamente vinculada à realidade de uma sociedade renovada, que aprendeu a viver em liberdade, que começa a se beneficiar dos frutos da estabilidade econômica e que, acima de tudo, quer conquistar mais justiça e mais prosperidade para todos.

Num mundo em que a dimensão internacional e a nacional estão cada vez mais interligadas, a Diplomacia brasileira não pode ser conduzida como um projeto autônomo, com diretrizes de cima para baixo. Ao contrário, ela deve espelhar com precisão a vontade da cidadania, de seus agentes econômicos e das forças sociais e políticas da Nação. O diálogo permanente com o Congresso é decisivo para que esse objetivo seja plenamente alcançado.

Tendo em vista essa necessidade de sempre ouvir os impulsos que vêm da sociedade brasileira, tenho procurado, em meu mandato, dar prioridade, na área externa, às seguintes linhas de ação:

- aprofundar os mecanismos de integração regional, a partir do Mercosul, com vistas à futura integração hemisférica;
- definir com clareza as parcerias estratégicas que o Brasil deve manter em nível bilateral;

- continuar a defender as regras, princípios e virtudes do multilateralismo na área econômica e política;
- ampliar o espaço de participação brasileira no processo decisório internacional, especialmente no que se refere à necessária mudança na composição do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que deve refletir as características do mundo pós-Guerra Fria. Sabemos que um Conselho de Segurança com maior número de membros permanentes terá maior legitimidade e, portanto, mais eficácia. O Brasil estará pronto a assumir maiores responsabilidades nas ações do Conselho de Segurança das Nações Unidas, caso venha a ocupar um assento permanente na estrutura ampliada do órgão;
- garantir as condições estruturais para a competitividade internacional, sobretudo a estabilidade das condições econômicas e, nesse sentido, mobilizar a comunidade internacional em torno dos problemas que a volatilidade dos capitais especulativos pode trazer, em particular para as economias em desenvolvimento, neste tempo de globalização dos mercados financeiros;
- reforçar internacionalmente os compromissos brasileiros com a não-proliferação de armas nucleares;
- aproximar o Brasil de organizações multilaterais, como a OCDE, que exprimam, em sua essência, a defesa da economia de mercado e de outros valores do ocidente democrático;
- dotar o Itamaraty de estruturas mais ágeis e ainda mais eficientes, em particular na defesa do cidadão brasileiro no exterior; e
- aperfeiçoar a legislação que regulamenta o Serviço Exterior Brasileiro, sobretudo no que diz respeito à progressão funcional, de forma a dar aos jovens que iniciam sua vida profissional maior estímulo e recompensa à altura dos desafios cada vez maiores que estão sendo chamados a enfrentar.

Em suma, devemos ver nossos parceiros prioritários e o cenário externo como campo de oportunidades, sem receio de participar. Somos um grande País, e temos uma diplomacia mundialmente respeitada. Nossa conduta sempre esteve alicerçada em instrumentos diplomáticos que

buscam legitimidade em consensos amplamente negociados, o que nos credencia a defender uma ordem internacional justa e equilibrada, a melhor garantia da paz universal e duradoura.

Conto, para implementar essas linhas prioritárias de ação, com a competente colaboração do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, cujas qualidades profissionais há muito o fazem merecedor de minha plena confiança e estima pessoal.

Senhoras e Senhores, minha recente visita aos Estados Unidos pode servir de paradigma para a política externa que meu Governo está desenvolvendo. Não se trata de buscar relações privilegiadas ou excludentes com determinado país, mas, sim, de reforçar parcerias maduras e equilibradas, que oferecem oportunidades renovadas para o Brasil.

Meus encontros em Washington comprovaram que alcançamos um patamar de desenvolvimento que gera interesses naturais, os quais se traduzem em maiores oportunidades de cooperação e investimento, com vantagens efetivas para a sociedade brasileira.

Caros formandos, Senhoras e Senhores, como tem sido freqüentemente lembrado, Tom Jobim disse certa vez que o brasileiro precisava aprender a gostar mais dos vencedores – e eu acrescentaria: porque um grande país se faz com vencedores.

O Barão do Rio Branco é um dos exemplos maiores, em nossa história, desse espírito vencedor. É este o caminho que devem perseguir os novos diplomatas: não de ser vencedores, como o foi Tom Jobim, como o foi o Barão do Rio Branco e como será o Brasil.

Muito obrigado.